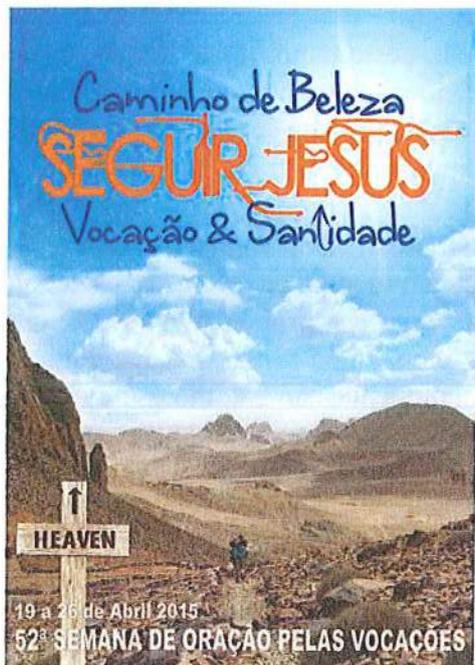


COMUNIDADE EM MOVIMENTO

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO DOS CAVALEIROS

Director: Pe. Fr. Agostinho Marques de Castro, O. Carm. Ano XVII - III Série N.º 163 - Abril 2015

Semana de Oração pelas Vocações



“Na raiz de cada vocação cristã, há este movimento fundamental da experiência de fé: crer significa deixar-se a si mesmo, sair da comodidade e rigidez do próprio eu para centrar a nossa vida em Jesus Cristo; abandonar como Abraão a própria terra pondo-se confiadamente a caminho, sabendo que Deus indicará a estrada para a nova terra. Esta «saída» não deve ser entendida como um desprezo da própria vida, do próprio sentir, da própria humanidade; pelo contrário, quem se põe a caminho no seguimento de Cristo encontra a vida em abundância, colocando tudo de si à disposição de Deus e do seu Reino (...) Por isso, responder à chamada de Deus é deixar que Ele nos faça sair da nossa falsa estabilidade para nos pormos a caminho rumo a Jesus Cristo, meta primeira e última da nossa vida e da nossa felicidade. Esta dinâmica do êxodo diz respeito não só à pessoa chamada, mas também à actividade missionária e evangelizadora da Igreja inteira. Esta é verdadeiramente fiel ao seu Mestre na medida em que é uma Igreja «em saída», não preocupada consigo

mesma, com as suas próprias estruturas e conquistas, mas sim capaz de ir, de se mover, de encontrar os filhos de Deus na sua situação real e compadecer-se das suas feridas”. (*Da Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Vocações 2015*)

CARTA AOS DIOCESANOS, NA SEMANA DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

Caríssimos irmãos e irmãs do Patriarcado de Lisboa!

Com toda a corresponsabilidade e muita estima, dirijo-vos estas palavras em plena Semana de Oração pelas Vocações. Corresponsabilidade, pois foi a todos nós que Jesus mandou pedir ao Senhor da Messe que mande trabalhadores para a sua messe. Estima, pois tudo acontece numa causa necessária, que vivemos em comunhão e afeto. Trata-se de algo fundamental e que nos compromete a todos. Porque faltam ministros ordenados, especialmente sacerdotes, para servirem as comunidades como sacramentos visíveis de Cristo Pastor; e porque faltam irmãos e irmãs que, pelos votos e pela vida, sejam sinais convincentes do absoluto de Deus e da entrega total ao seu serviço. Do mundo para Deus e de Deus para a missão, é este o arco completo da vocação cristã. E particularmente daquela que o Papa Francisco, na sua Mensagem para o 52º Dia Mundial de Oração pelas Vocações (26 de abril de 2015), designa muito sugestivamente como «vocação de especial dedicação ao serviço do Evangelho». Mas há algo de urgente, nisto que vos digo com o Papa Francisco. Na verdade, e falando em geral, diluiu-se a dimensão vocacional da existência cristã. Na sensibilidade comum, a vida é encarada mais como realização à escolha do que como resposta a um apelo de Deus e dos outros, que nos esperam. Mais como da vida para mim, insaciavelmente, do que de mim para a vida do mundo, disponibilmente. E o pior é que ficamos tristes por não termos tudo, quanto só seríamos felizes se nos fizéssemos tudo para todos, segundo a vontade de Deus.

Creio que muita “iniciação” cristã não se realiza, de facto, porque não descobre nem desenvolve a dimensão vocacional da vida. - Quantos dos nossos adolescentes e jovens são estimulados a ouvir o chamamento divino, que lhes indicaria o que Deus espera deles e absolutamente os realizaria? Quando Paulo ouviu este chamamento e lhe correspondeu por inteiro, pôde escrever assim: «Nós fomos feitos por Deus, criados em Cristo Jesus, para vivermos na prática das boas obras que Deus de antemão preparou para nelas caminharmos» (Ef 2, 10). Mas é triste verificarmos como muita existência ficou por realizar, por não se descobrir o que Deus lhe oferecia, como apelo e missão. E porque na família e na comunidade nem sempre se acolhem, nem acompanham devidamente, os sinais de tal vocação... Por isso falo de urgência, neste tempo forte de oração pelas vocações. Em cada família e comunidade cristã, a dimensão vocacional de tudo o que se faça é básica e diz respeito a todos. Temos de tomá-la tão a sério como à própria realização feliz de cada destino humano, só em Deus garantido. Agradeço muitíssimo a quem se dedica diretamente ao trabalho vocacional, nos seminários e no pré-seminário, nos institutos e comunidades, nos movimentos e grupos. Sei que é um trabalho árduo e que vai muitas vezes “contra a corrente” da sensibilidade ambiental a que acima aludi. Na verdade, leva a sair de si, num constante êxodo para Deus e para o mundo, em escuta e serviço. Mas é esta precisamente a vida de Cristo em nós, tal como Ele a viveu e a propôs. Por isso reitero o reconhecimento e o estímulo aos que trabalham na pastoral vocacional e na formação sacerdotal, bem como de todas as vocações de especial consagração - ou especial “dedicação”, como escreve o Papa Francisco. É um trabalho indispensável, para que a missão de Jesus, que sempre chamou para sempre enviar, continue viva e salvadora na Igreja e no mundo. Convosco, na escuta e na missão,



+ Manuel, Cardeal-Patriarca Lisboa, 19 de abril de 2015

SÍNODO DIOCESANO

SÍNTESE DO RELATÓRIO FINAL DO PRIMEIRO TRIMESTRE (outubro a dezembro de 2014)

O primeiro capítulo da Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* foi lido e meditado por vários milhares de pessoas do Patriarcado de Lisboa no âmbito da caminhada sinodal encetada em Outubro de 2014, rumo ao Sínodo Diocesano a realizar no ano de 2016. A presente síntese do relatório final do primeiro trimestre pretende apresentar as linhas gerais que foram refletidas.

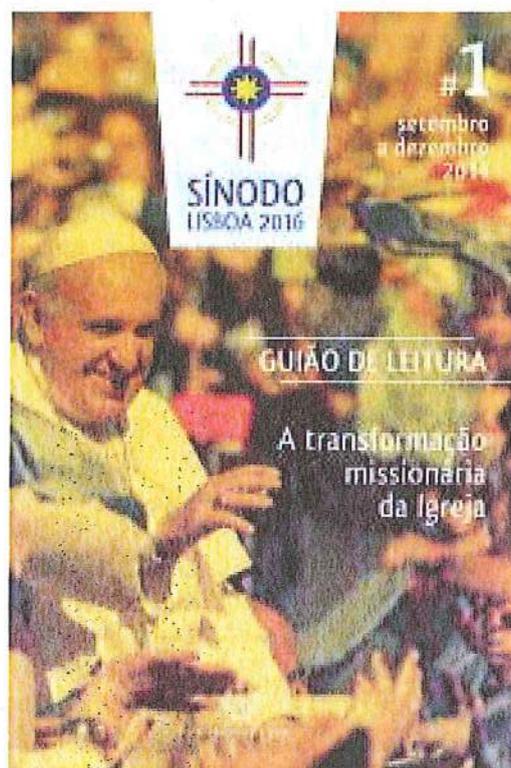
1. Constatções As constatações dividem-se entre externas e internas, refletindo, as primeiras, o olhar dos cristãos sobre o mundo e, as segundas, a autoanálise dos fiéis cristãos em relação à própria Igreja, em vários níveis. Do ponto de vista das constatações externas, a reflexão identificou muitos aspectos que marcam o mundo dos nossos dias, mundo esse em que todos os cristãos estão envolvidos e de que fazem parte. Por um lado, identificaram-se aqueles aspectos que marcam as pessoas e a sociedade de uma forma mais negativa: o materialismo, o relativismo, a existência de preconceitos, o indiferentismo, o consumismo, o individualismo (e correlativamente a solidão), a ausência da questão sobre Deus, desconfiança generalizada quer em relação aos indivíduos quer em relação às instituições (incluídas nestas o Estado, a própria Igreja, mas também as instituições de base como o casamento e a família). Por outro lado, também se identificaram sinais positivos que surgem no mundo: procura da fraternidade, da inter-ajuda, várias formas de voluntariado, sede de vida espiritual. Neste sentido, teve bastante relevo a leitura que os cristãos fizeram sobre os problemas sociais e culturais que se vivem no Patriarcado de Lisboa, nomeadamente as questões postas por uma



sociedade plural, constituída por pessoas de diversas proveniências, e ainda as questões sociais mais prementes, relacionadas sobretudo com as pessoas mais fragilizadas, nomeadamente os idosos. Uma palavra central nesta reflexão foi a «desumanização», sensibilidade que percorre todos os sectores da sociedade.

Quando os cristãos dirigiram o olhar para si mesmos e para a Igreja como todo, assinalaram uma falta de fé generalizada e um desajuste muito grande entre aquilo que a Igreja ensina e a vida concreta dos batizados. Outros aspectos assinalados visaram uma autorreflexão ao estilo de exame de consciência, assinalando-se a facilidade para a crítica gratuita, a falta de disponibilidade para a correção fraterna, a facilidade em fazerem-se juízos de valor sobre as pessoas e, ainda, uma forte tendência legalista e moralista. Referiu-se ainda a falta de conhecimento da Bíblia. Identificaram-se também algumas dificuldades de forma objectiva em relação à capacidade de partir em missão: a falta de conhecimento sobre o modo de anunciar, a acomodação, o medo de ir só, o descrédito dos resultados, a falta de consciência da necessidade da evangelização e a indiferença. Como pano de fundo, muitas respostas identificaram a mundanidade, tal como descrita pelo Papa, como um dos aspectos marcantes da vida eclesial. Neste sentido, referiu-se ainda a dificuldade em transpor a mensagem cristã para o dia-a-dia e para os problemas de hoje. Por outro lado, constatou-se ainda que a Paróquia continua a ser o grande campo de trabalho pastoral, com todos os desafios e apelos que isso traz, reconhecendo-se ainda a grande vitalidade dos movimentos para a Igreja de hoje. Uma grande parte das respostas visava a necessidade de articulação entre estas duas realidades (paróquia e movimentos). O âmbito diocesano também foi visado na reflexão dos cristãos de Lisboa, sendo referido como essencial mas cuja realidade ainda a construir e a desenvolver.

2. Desafios Os desafios foram analisados a partir das três funções principais da Igreja: a função sacerdotal; a função profética e a função real. Do ponto de vista da função sacerdotal, onde se incluíram dimensões como a liturgia, a espiritualidade e os sacramentos, as respostas visaram vários aspectos, sendo de destacar a necessidade de uma formação espiritual mais profunda dos leigos, o que só se conseguirá com uma formação espiritual grande dos padres; a importância da confissão e a necessidade de ser disponibilizado mais tempo para este sacramento; a necessidade de se aplicarem de forma igual os critérios para a administração dos sacramentos, acabando com as disparidades de paróquia para paróquia. O principal desafio colocado na função profética da Igreja é a sua renovação, rumo a um anúncio mais completo e abrangente de toda a vida das pessoas, e assim menos polarizado em poucos aspectos que por sua vez são absolutizados. Neste sentido, indicou-se também uma necessidade de renovação na comunicação eclesial, quer ao nível dos conteúdos, quer do vocabulário, assim como a sua adequação aos destinatários. Neste campo tem muita importância a utilização das novas tecnologias, que devem ser aproveitadas como veículos de evangelização. Este aspeto foi assinalado a respeito, muito especialmente, da catequese. Por outro lado, as respostas dadas na caminhada sinodal indicaram a necessidade de acabar com homilias mal preparadas, quer por serem improvisadas, ou de fraca qualidade espiritual, mas também demasiado longas e imperceptíveis. Identificou-se ainda uma grande necessidade de um «primeiro anúncio» em muitas paróquias, ao qual devem estar articuladas estruturas que sirvam de garantia e sustento para a vivência daqueles que escutaram o apelo do Senhor. Por fim, identificou-se também a grande necessidade de fazer das igrejas espaços de acolhimento de todas as pessoas. No âmbito da função real da Igreja, assinalou-se, de forma geral, a necessidade de uma maior proximidade dos padres às comunidades, realizando pontes entre os vários grupos da paróquia ou mesmo a nível inter-paroquial. Identificaram-se também muitos desafios na pastoral familiar (nomeadamente na preparação para o matrimónio e na pastoral de pessoas em situação irregular), na pastoral social (especialmente sobre o modo de a tomar lugar de evangelização), na pastoral da saúde (sobretudo sobre o modo de integrar os doentes na vida eclesial), na administração paroquial (de modo particular a necessidade de integração dos leigos), entre muitas outras dimensões da vida eclesial.



GESTO POR UMA MAIOR ATENÇÃO ÀS VITIMAS DA EMIGRAÇÃO FORÇADA

Consternação e indignação é o sentimento que une várias organizações da Igreja Católica numa manifestação de solidariedade e de alerta para a atual situação de muitos migrantes que têm sido ultrajados na sua dignidade humana ao tentarem atravessar fronteiras à procura das mais básicas condições para a sua sobrevivência.

Este ano, mais de 1500 pessoas morreram no Mar Mediterrâneo, um número 50 vezes superior ao de 2014. Os acontecimentos dos últimos dias, nomeadamente a morte de mais de 700 pessoas que se viram trancadas no porão do navio, e muitos outros já vividos não só nesta região mas também noutros lugares onde a imigração é considerada irregular face às leis humanas vigentes, obrigam-nos a não ficar calados, sob pena de sermos cúmplices de um verdadeiro massacre que deveria envergonhar o mundo, particularmente os que têm responsabilidades políticas.

Agência Ecclesia, Cáritas Portuguesa, Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP), Comissão Nacional Justiça e Paz, Comissão Nacional Justiça, Paz e Ecologia da CIRP, Departamento Nacional da Pastoral Juvenil, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, Obra Católica Portuguesa de Migrações, Rádio Renascença, Serviço Jesuíta aos Refugiados e Sociedade de São Vicente de Paulo apelam a todos os portugueses para que, **no domingo, dia 26 de Abril, coloquem nas suas janelas um pano branco ou usem uma peça de roupa branca e se unam, em oração ou num minuto de silêncio**, aos milhares de pessoas que se sentem solidárias com todos os que buscam uma vida melhor para si e para as suas famílias e partem diariamente das suas terras na procura legítima de melhores condições de vida. As organizações da Igreja Católica, com o apoio da Comissão Episcopal da Pastoral Social e Mobilidade Humana, lembram que todas estas pessoas "são pessoas como nós que se vêm obrigadas a fugir do seu país porque vivem situações que ferem gravemente a sua dignidade e colocam em risco a sua sobrevivência e das suas famílias".



Acreditamos que a União Europeia pode e deve fazer mais por cada uma destas pessoas, nomeadamente, olhando de forma diferente para os seus países de origem. As organizações da Igreja Católica pedem medidas que ultrapassem a excessiva preocupação securitária e de controlo de fronteiras e que se pensem alternativas de maior humanização.

Um gesto tão simples como este que agora se propõem é uma manifestação de indignação e, para além disso, deverá ser entendido como uma adesão pessoal e institucional à realidade vivida nas periferias e o inconformismo com uma cultura do descartável.

"São homens e mulheres como nós, irmãos que procuram uma vida melhor, famintos, perseguidos, feridos, explorados, vítimas de guerras. Procuram uma vida melhor, procuravam a felicidade." (Papa Francisco)

Fonte: Site da CIRP – www.cirp.pt

Centro Cultural e Social: Oferta de Respostas Sociais

Recordamos que o Centro Social tem um **Serviço de Apoio Domiciliário** ao qual podem recorrer todas as pessoas que necessitam dos serviços específicos desta reposta social nos seus domicílios. Após o primeiro contacto, é marcada uma entrevista na qual se estabelecem as condições contratuais entre o utente e o Centro para a prestação desta resposta social.

O Centro social tem, também, a resposta social de **Centro de Dia**. Caso deseje usufruir deste serviço, marque uma entrevista com os responsáveis desta área para que se definam os parâmetros da sua inscrição e participação activa nesta valência.